

Luiz Fernando Abreu

**NO
UROLOGISTA**

Contos bem-humorados



Copyright © 2010 - **Luiz Fernando Abreu Araújo**

1ª edição

ISBN: 978-85-909652-4-4

Revisão:
Luiz Fernando Cirino

Supervisão e Coordenação Literária:
Marcus Aurelius da Silva

Diagramação:
Elaine dos Santos Lopes

Capa:
Renato Sideris

Pedidos e contatos com o autor:
www.luizfernandoabreu.com.br

Telefone: 21-2456-2539

lfeditora@hotmail.com
Instagram: lfabreuaraujo

Todos os direitos reservados ao autor

- 2010 -

DEDICATÓRIA:

Disseram-me que dedicatória em livro é coisa do passado. Mas como sou do tempo em que “afogar o ganso” era asfixiar na água uma ave palmípede, então...

Dedico este livro a todos que, tecnicamente, possibilitaram que ele fosse editado. Em especial ao professor Marcus Aurelius, meu amigo e Israel, meu filho, também meu guru em Informática.

Ainda dedico aos palhaços, comediantes, contadores de anedotas, humoristas, políticos imorais e alunos alienados, pela inspiração que me proporcionaram.

Luiz Fernando Abreu Araújo

Rio, 2010

SOBRE O AUTOR:

Luiz Fernando Abreu Araújo é carioca e tem 55 anos. É mestre em Educação Ambiental, pedagogo e professor de Biologia, Sociologia e Filosofia. Sua vida literária começou aos 11 anos, vindo publicar seu primeiro livro aos 15. Tem vários livros paradidáticos editados, destacando-se os infantis e juvenis, os quais têm sido adotados em diversas escolas do Brasil. O livro *Várias Maneiras de Provocar um Ataque de Nervos num professor* foi sua estreia na linha de humor, tornando-se um dos mais vendidos nas Bienais do Livro de 2007 e 2009.

Atualmente, é diretor pedagógico, consultor em Educação e professor das redes públicas e privada. A sua obra completa pode ser conhecida através do site www.luizfernandoabreu.com.br, onde a mesma também pode ser comercializada.

A *LF Editora* criada somente para a publicação e comercialização da sua obra, é mais uma página da sua vida literária que acaba de escrever.

ÍNDICE:

Na Cantina	7
Na Sala de Aula	10
Na Sala Errada	13
Na Sala de Estar	18
No Casamento	24
No Cemitério	29
No Fusca	35
No Futebol	39
No Interior	48
No Jogo do Bicho	53
No Jornal	59
No Marketing	62
No Motel	68
No Transporte Escolar	72
No Urologista	78

NA CANTINA

- Moço, tem salada de frutas?
- Não!
- Tem sanduíche natural?
- Não!
- Tem vitamina?
- Não!
- O que é que tem?
- Batata frita, Skiny, hambúrgueres, folhados, croissants, refrigerantes em lata...
- Sendo uma cantina escolar, não deveria ter produtos saudáveis?
- O próximo da fila, por favor!

Minutinhos depois:

- Ei! Tem um pentelho no meu hambúrguer de cheddar!
- O quê?
- Pentelho! Pen-te-lho!
- Fala baixo! Fala baixo! Fica tranquilo, que eu troco! Me dá esse hambúrguer, que eu troco, já!
- Não se trata de trocar. Trata-se de que há um pentelho no hambúrguer!
- E daí? Ele vai para o lixo e eu lhe dou um novinho em folha! E olha que você vai sair ganhando. Ele já está mordido...
- Cara, você está confundindo as coisas. Eu encontro um pentelho no hambúrguer e, simplesmente, troco-o por outro?
- Me deixa vê-lo!

O cantineiro examinou meticulosamente o hambúrguer: retirou as fatias, virou e revirou a carne, mexeu e remexeu no queijo. Parecia um ourives verificando a autenticidade de uma pepita de ouro.

- Desculpe garotão, mas isso não é um pentelho. É uma linha preta!

– Ô, meu! Isso aqui é uma cantina ou uma alfaiataria? Ou será que você costuma costurar as fatias de pão para a carne não escorregar de tanto óleo?

Em seguida, o pentelho deixa a carne do hambúrguer e passa a ser amparado por um guardanapo branco. Tinha que ser branco para realçar a cor, a textura e a forma... daquele negócio suspeito.

O vice-diretor foi chamado. Logo, o aluno o interpela:

– Professor, observe atentamente. O que é isso?

Ele levanta seus óculos, franze os olhos e diz:

– Indubitavelmente, é um pentelho!

– Ô, louco! – esbraveja o cantineiro – Isso não poderia ser um dos meus doces finos?

– Qual?

– Fios de ovos!

– Certo! Isso é um autêntico fio de ovos... De um saco humano!

O professor de Biologia também é arrolado no caso para o tira-teima.

Ele estica o suposto pentelho, minuciosamente, com dois palitos, e dá o veredicto:

– Isso é um apêndice filamentosso epidérmico...

– Viu, garoto? – grita, subitamente, o cantineiro, sorrindo

– Eu não disse que isso não era o que você estava pensando? Isso é um apêndice filamentosso...

– ...que quer dizer o mesmo que pentelho! – intervém o professor.

Inconformado por não ter conseguido persuadir o diretor, o professor e o aluno, o cantineiro insiste:

– Olhando bem, isso está me parecendo um fiapo de manga, que foi tostado juntamente com a carne, na chapa.

– Isso é um pentelho e não se fala mais nisso!

– Tudo bem, garoto. Tudo bem. Eu lhe dou um novo hambúrguer, mais uma Coca, e não falamos mais nisso. OK?

– Você está louco?

– Bem, se a proposta é baixa, faço outra: eu lhe dou um hambúrguer, de graça, a semana inteira.

– Nem pensar!

Ah! Então, esse filho da mãe está a fim de fazer jogo duro! Também, se não fosse essa micose no meu saco...

– Vou, então, lhe fazer minha última proposta. Mesmo tendo absoluta certeza de que você está completamente errado, porque isso aí não é pentelho nem aqui, nem na China!

– Na China, realmente, é capaz de não ser, porque os asiáticos não têm pêlos...

– Tudo bem! Eu lhe ofereço um hambúrguer com refrigerante durante um mês.

O aluno, porém, não lhe deu ouvidos e levou o pentelho embora.

Na semana seguinte, a Saúde Pública fechou a cantina da escola.

Um mês depois, após a escola analisar milhares de propostas, a cantina foi reaberta, para a felicidade dos alunos. Tinha uma razão social de muito prestígio no segmento escolar. Mas... O cantineiro era o mesmo.

– Moço, tem iogurte?

– Hoje, não!

– Tem suco de laranja?

– Só em caixinha!

– E tem coxinha... que não seja da sua garçonete?

– Não! Mas tenho tudo o que você não quer! Pizza, cachorro quente, hambúrguer... Que tal um quibe?

– Isso é quibe? Parece com... um piloto de coco!

– O próximo da fila!

Minutinhos depois:

– Ô, cara! Esse pão de queijo está estragado ou tem cheiro de peido mesmo?

– Não acredito! Você de novo?

NA SALA DE AULA

Bem que meu dentista havia me dito que, de uma hora para outra, eu acabaria ficando na mão. Isto é, sem dente, e somente com o pino de ouro do meu incisivo, caso eu não retornasse, breve, ao seu consultório, para fazer um novo molde. Afinal, tudo o que fizera, quando lhe pedi que me atendesse de emergência, fora colar a prótese no bendito pino.

Bastou, porém, ter me dito que o ideal seria fazer, desta vez, uma prótese de porcelana, para que eu não tivesse a menor pressa em retornar ao seu consultório. Será que ele tinha ideia de quanto ganhava um professor? E que eu trabalhava em cinco escolas para poder levar uma vida digna, ou seja, um pouco acima da linha da pobreza?...

Quando ele me disse o preço de um dente de porcelana... Ah! Dei golfada de riso para não chorar. Não me sentei perplexo, porque já estava sentado na sua cadeira. E bastou que eu dividisse o preço do dente de porcelana pelo valor da hora/aula, que aí, me deu vontade de chorar. Mas foi então que eu percebi o porquê dele usar aquela máscara: certamente para que eu não visse a sua cara de pau, na hora de me dizer quanto me custaria aquele dente de porcelana. Pensei até que ele tivesse feito, além de odontologia, a faculdade de oftalmologia, porque estava me cobrando os olhos da cara!

Se ele soubesse que aquele dente incisivo de porcelana me custaria 120 horas/ aula... Era ou não era para eu ficar com aquele dente postiço, de resina, colado até para o todo o sempre?

*Graças a Deus, só faltam três aulas para o final da manhã!
Vou tomar um cafezinho e comer a maçã que deixei na geladeira da sala dos professores...*

Hum! O café está frio. Ainda bem que trouxe a minha maçãzinha...

*Caraca! Essa, não! O meu dente! Cadê o meu dente?
Porra, o meu dente quebrou de novo! Só ficou o pino! Bem que*